

Saltando do sonho para fazer-se uma realidade

ERNESTO SILVA
Especial para o CORREIO

No dia 21 de abril de 53 a.C., Rômulo fundava, no monte Palatino, uma cidade que seria o marco de uma nova era no mundo pagão — a Roma dos Césares, o berço da civilização cristã.

Quis a Divina Providência que, no mesmo dia, 21 séculos mais tarde, uma plêiade de homens destemidos dessem Brasília ao Brasil, cumprindo os designios eternos manifestados na visão proféticas de Dom Bosco: "Quando escavarem as minas escondidas em meio a estas montanhas, surgirá neste sítio a grande civilização, a Terra Prometida, de uma riqueza inconcebível".

O grito de alarma de Euclides da Cunha, em "Os Sertões", mostrando o contraste entre a civilização do litoral e o completo abandono do homem brasileiro além da faixa privilegiada, encontrou ressonância na alma nacional.

A transferência da sede do Governo para o Planalto Central seria o meio adequado e a providência ideal para estender o progresso a essas regiões do Brasil: progresso real e dinâmico, envolvendo o problema de aumento de densidade da população, de difusão cultural, de desenvolvimento econômico, de questões, enfim, atinentes à completa integração territorial do Brasil, no sentido de eliminar esse desnível entre a civilização do litoral e a do interior.

Dois motivos fundamentais levaram Brasília ao Planalto Central: a tradição secular de uma capital do centro demográfico do País e o subdesenvolvimento da região escolhida. Havia, na realidade, duas fronteiras em nosso País: a fronteira política, fixada pelos limites com outras nações, e a fronteira econômica, correspondente ao espaço de terra que realmente ocupamos, trabalhamos e fazemos produzir. Nos limites da fronteira econômica, a Nação, política e socialmente, estava organizada. Daí em diante em direção ao oeste, havia um outro Brasil, fértil, mais improdutivo; rico, mas miserável, à espera de que nos dispuséssemos a ocupá-lo efetivamente.

Esse erro que Brasília pretendeu corrigir. Esse o sentido da obra monumental. Esse o mérito dos pioneiros que, com coragem e fé no empreendimento, passaram por locais inteiramente desertos, abriram picadas e tomaram posse da terra.

Nada obstante a má vontade, a descrença e a indiferença dos que são contra tudo e contra todos, Brasília é uma realidade.

Tentaram transformá-la em vítima expropriadora de todos os males do passado; tentaram atrair sobre a iniciativa revolucionária e salvadora de obedecer-se a um artigo da Constituição todo o desequilíbrio natural de uma Nação que cresce". Mas a verdade é que "Brasília foi uma operação de grande vulto e graças a ela o Brasil deixou de ser apenas um vasto País no mapa para ser um País de fato".

Brasília não foi uma improvisação, mas o resultado de um amadurecimento. Não foi apenas uma mudança de capital, mas o anúncio de uma reforma. "Tornou-se imperativo, portanto, que cada soldado dessa primeira linha de batalha se armasse de bravura absoluta, se revestisse de desambição e se empossasse do renovado espírito de pioneirismo que deu corpo e alma ao perfil lendário do Bandeirante. Qualidades positivas de operosidade e de renúncia, capacidade realizadora, ânsia de progresso, fé nos destinos do Brasil, se nos apresenta-

riam libertas das antigas restrições, em toda a sua plenitude, na arrancada inicial. Era, sobretudo, necessário destruir, pelo exemplo e pela realização, o conformismo que acomodava a consciência nacional em morna sonolência. Por isso, ao lido da primeira hora de Brasília não foram permitidos o ócio, a pausa, a vacilação. Daí a dureza das obrigações. Quase desumanas, que todos sentiram, nos regimes de serviço e na exigência da rapidez e da perfeição da obra".

A construção da capital no interior do País significa um decisivo impacto de progresso, um detonador de novos empreendimentos, que surgirão, proporcional, constante e progressivamente, ao redor da cidade, como se formam, na superfície d'água, círculos concêntricos do ponto em que um corpo se choca com o líquido.

A construção de Brasília deve-se negativamente à coragem e à firme determinação do presidente Juscelino Kubitschek.

A constituição da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil se deu a 24 de setembro de 1956 e a primeira diretoria, composta de Israel Pinheiro da Silva, Bernardo Sayão Carvalho Araújo, Ernesto Silva e Iris Meinberg, iniciou imediatamente os seus trabalhos.

"Durante mais de três longos anos, a preocupação dominante de todos, sem exceção, consistiu em dedicar um esforço sem limite para entregar a cidade em condições de ser inaugurada a 21 de abril de 1960. Para atingir esse objetivo era imprescindível que trabalhassemos como se cada hora fosse a última hora concedida e a madrugada viesse iluminar o dia festivo da inauguração. Era necessário que abandonássemos os estilos normais de trabalho, para que as vigílias e as prorrogações de horários se tornassem o trivial do serviço. Era necessário que não fossem tomados em consideração o pó, a lama, o frio, a soalheira, as intempéries, a fadiga e o desconforto. Não bastava que cada um desempenhasse bem os seus encargos regulamentares. Era condição de vitória que todos multiplicassem o esforço, para saldar, no vencimento, o compromisso assumido com a Nação, levando, se preciso, seu entusiasmo pelo trabalho e sua identificação com a obra até o limite crucial do próprio sacrifício. Éramos verdadeiros escravos, mas escravos de um ideal".

Durante a época da construção, sem descanso de uma só hora, cantos, especialistas, técnicos e diretores da empresa dedicaram todos os momentos de sua vida à concretização da obra monumental. E nesse curto lapso, ergueu-se a capital do Brasil. Surgiram o sistema de abastecimento d'água, o serviço de esgotos, a rede de telefones urbanos e interurbanos, os prédios públicos, dezenas de escolas e postos médicos, hospitais, serviço de eletricidade, intermináveis avenidas, jardins, hotéis, palácios, residências, granjas, cidades-satélites.

Mas não ficou aí o esforço da Novacap.

Brasília teria de ser uma cidade totalmente diferente. Não deveria ser apenas um colosso arquitetônico nem se resumir na construção e fundação de uma cidade no interior do País. A cidade teria de se apresentar revolucionária não só sob o ponto de vista urbanístico e arquitetônico, mas também em todos os seus sistemas: agrícola, educacional, administrativo, social e de saúde.

O plano de abastecimento, sustentado pelas unidades socioeconômicas rurais, previa um anel de chácaras para assegurar o abastecimento da cidade. Haveria um centro de abastecimento e supermercados.

O plano educacional, ao lado da nova filosofia a ser implantada, se comporia de jardins da infância, escolas-classes, escolas-parques e centros de educação média, levando-se em conta a comodidade da população e a densidade populacional.

O plano de saúde, já nos idos de 1959, previa a constituição de conselhos comunitários de saúde, regionalização e hierarquização do sistema e integração e unificação de todos os serviços, sem duplicidade nem dispersão de recursos.

No setor da assistência social, desejávamos que um conselho de bem-estar social centralizasse todas as atividades assistenciais da cidade.

Enfim, uma cidade moderna e não apenas uma cidade nova.

Finalmente, a 21 de abril de 1960, foi inaugurada, com repercussão internacional, a nova capital do Brasil.

No dia da inauguração da cidade, Israel Pinheiro disse: "Brasília é obra de civismo sadio, de otimismo criador, de ânimo pioneiro, de tudo que não se contenta e se esgota na rotina satisfeita, mas que se antecipa e se multiplica em iniciativas que rasgam os caminhos de um futuro que o Brasil reclama com impaciência. O espírito de Brasília é tudo o que há de contrário ao derrotismo sistemático".

E o presidente Juscelino Kubitschek, respondendo e discursando à multidão que se acotovelava na Praça dos Três Poderes, declarava: "A irmanação de quantos aqui trabalharam lembra a construção das catedrais da Idade Média, quando artistas anônimos, mestres, aprendizes se animavam pela fé em Deus, em cuja honra se levantavam esses poemas arquitetônicos.

"Os que duvidaram desta vitória; os que procuraram impedir a ação; os que desmandaram em palavras contra esta cidade, desconheciam que o impulso, o ânimo, a fé que nos sustentavam eram mais fortes que o desejo de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas citadinas em que transitam. Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da história os que não compreenderam e não amaram esta obra".

André Malreux, no seu discurso em Brasília, a 24 de agosto de 1959, afirmou: "Se renascer a velha paixão das inscrições nos monumentos, gravar-se-á sobre os que aqui vão nascer: Audácia — Energia — confiança. Não se trata de vossa divisa oficial, mas talvez da que vos dará a posteridade". E o escritor Aldous Huxley, a 16 de agosto de 1958, depois de visitar Ouro Preto e chegar a Brasília durante a sua construção: "Vim diretamente de Ouro Preto a Brasília. Que jornada dramática através do tempo e da história. Uma jornada do ontem para o amanhã, do acabado ao que está para começar, de conquistas antigas às novas promessas."

Hoje, Brasília está consolidada, realiza o sonho da unidade nacional, entusiasma os que a visitam e aproxima os irmãos do litoral aos do sertão.

Mas qual será o destino desta cidade, "edificada no entusiasmo e na precipitação, mesclando o sonho à planificação", "uma das maiores epopéias da história dos homens"?